

**O Pioneirismo da Literatura Marginal/Periférica na voz de Carolina Maria de Jesus:
um estudo da Obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960).¹**

The Pioneering Spirit of Marginal/Peripheral Literature in the Voice of Carolina Maria de Jesus: a study of the work *Child of the Dark: a favelada's diary* (1960).

Alan Henrique Ramos²

Orientador: Prof. Dr. Flaviano Maciel Vieira³

RESUMO: A presente pesquisa tem o objetivo de analisar os traços estilísticos, literários e textuais da obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960), que dialoguem com as características pertencentes a literatura marginal/periférica, com o intuito de constatar o pioneirismo da escritora Carolina Maria de Jesus na literatura de cunho marginal/periférico. Além disso, tecer um panorama da obra em questão ao exibir a sua composição, estrutura, divisão e emblemas sociais, com o propósito de apresentar a obra dentro dos caracteres que conversem com a literatura marginal/periférica e o impacto da obra no cenário da literatura no Brasil, refletindo sobre a vida e a obra da citada autora e as vozes silenciosas no campo literário brasileiro. Para tal, será utilizado como base teórica Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Carolina Maciel, Daniele Moreira, Osman Lins, Michel Foucault, Érica Peçanha, Fernanda de Miranda, Maryelle Pinheiro, Rogério Silva e Solange Marques, compondo, assim, a fundamentação teórica e crítica.

PALAVRAS-CHAVE: Carolina Maria de Jesus, Literatura marginal/periférica, Quarto de Despejo: diário de uma favelada (1960).

ABSTRACT: This research aims to analyze the stylistic, literary and textual traits of the work *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960), which dialogue with the characteristics belonging to marginal/peripheral literature, in order to verify the pioneering of the writer Carolina Maria de Jesus in marginal/peripheral literature. In addition, weave an overview of the work in question by displaying its composition, structure, division and social

¹ Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Licenciatura Letras Português, vinculado ao Departamento de Letras, do Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, com orientação do Prof. Dr. Flaviano Maciel Vieira.

² Graduando em Licenciatura de Letras-Português pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

³ Docente no Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

emblems, with the purpose of presenting the work within the characters that converse with marginal/peripheral literature and the impact of the work on the literary scenario in Brazil, reflecting on the life and the work of the aforementioned author and the silent voices in the Brazilian literary field. To this end, it will be used based on theorist Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Carolina Maciel, Danielle Moreira, Osman Lins, Michel Foucault, Érica Peçanha, Fernanda de Miranda, Maryelle Pinheiro, Rogério Silva and Solange Marques, thus composing the theoretical and critical foundation.

KEYWORDS: Carolina Maria de Jesus, Marginal/peripheral literature, Eviction Room: diary of a slum (1960).

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem o objetivo de abordar e explorar os componentes textuais, sociais, literários e estilísticos da obra literária de Carolina Maria de Jesus, em especial o seu livro “*Quarto de Despejo: diário de uma favelada (1960)*”, à luz da literatura marginal/periférica, demonstrando, assim, o pioneirismo da autora no cenário literário no Brasil da literatura de cunho marginal/periférico.

O cânone da literatura brasileira sempre foi marcado por escritores pertencentes à classe social de grande prestígio socioeconômico, principalmente homens, conforme pondera Regina Dalcastagnè: “Para isso, é preciso dizer, em primeiro lugar, que o campo literário brasileiro ainda é extremamente homogêneo”. (Dalcastagnè, [s.d], p. 14). Concorda-se com a observação de Dalcastagnè, no que tange ao cenário literário em solo brasileiro.

Outrossim, numa pesquisa feita por Regina Dalcastagnè consegue-se confirmar a predominância masculina e racial no ramo literário brasileiro, conforme Dalcastagnè:

Só para citar alguns números, em todos os principais prêmios literários brasileiros (Portugal Telecom, Jabuti, Machado de Assis, São Paulo de Literatura, Passo Fundo Zaffari & Bourbon), entre os anos de 2006 e 2011, foram premiados 29 autores homens e apenas uma mulher (na categoria estreante, do Prêmio São Paulo de Literatura)¹. Outra pesquisa, mais extensa, coordenada por mim na Universidade de Brasília, mostra que de todos os romances publicados pelas principais editoras brasileiras, em um período de 15 anos (de 1990 a 2004), 120 em 165 autores eram homens, ou seja, 72,7%. Mais gritante ainda é a homogeneidade racial: 93,9% dos autores são brancos. Mais de 60% deles vivem no Rio de Janeiro e em São Paulo. Quase todos estão em profissões que abarcam espaços já privilegiados de produção de discurso: os meios jornalístico e acadêmico². (Dalcastagnè,[s.d], p.14).

Dessa forma, constata-se que outras vozes foram silenciadas no âmbito literário no Brasil, principalmente, as marginalizadas, periféricas, negras e femininas. Esse recorte

temporal e a porcentagem feita por Dalcastagnè exprime o quanto é pertinente a participação, bem como a divulgação e a publicação de livros, obras, poemas e poesias desse grupo literário, o qual foi e é marginalizado.

Posto isso, será investigado o quanto Carolina Maria de Jesus possui divergência em relação a sua escrita e discurso literário, quando se compara a sua obra com o campo da literatura brasileira, o qual, era composto exclusivamente por homens brancos divergentes da classe social que a autora ocupava. Esse pensamento é retratado também por Daniele Moreira:

A escritora difere justamente da literatura convencional, produzida na e pela classe média, justamente por conseguir dimensionar na prática a situação absurda experienciada por ela e outros brasileiros e transformar isso em literatura. Oriunda de um espaço em que a escrita tinha pouca inserção, é ela mesma quem se faz visível ao mundo. (Moreira, 2019, p. 31).

Assim, Carolina Maria de Jesus pode ser considerada um símbolo de resistência e resiliência, dando voz e foco para as discrepâncias sociais e literárias presentes na população brasileira, a fome, a miséria, a pobreza, o racismo e a violência de múltiplas maneiras. Todas essas problemáticas são temas abordados em sua obra, haja vista que esses assuntos também são encontrados dentro do ramo literário da literatura marginal/periférica. Desse modo, de acordo com Daniele Moreira: “Carolina é um símbolo de resistência, referência, um ícone no tocante à questão da representatividade.” (Moreira, 2019, p. 87).

Ainda dentro dessa perspectiva e em consonância com Fernanda Rodrigues, “(...) o protesto vindo da favela já corria mundo, através das letras transgressoras de Carolina Maria de Jesus, uma escritora *outsider* que rompeu com os pressupostos de raça, gênero e classe que sustentam o sistema literário brasileiro.” (Rodrigues, 2013, p. 13). Por esse viés, considera-se que a autora representa um pioneirismo no cenário literário da literatura marginal/periférica no Brasil, pois é perceptível que o discurso literário de Carolina Maria de Jesus nasce da favela/periferia.

Diante disso, ao abordar e pesquisar com a sua obra mostra-se uma simbologia única e singular para representação das vozes e personagens marginais/periféricas e as questões socioeconômicas de seu tempo e contexto, as quais são fundamentais de serem retratadas no âmbito literário brasileiro, bem como são assuntos relacionados ao campo da literatura marginal/periférica.

Para tal, a base teórica explorada neste artigo tem como integrantes Antonio Cândido, Carolina Maria de Jesus (o *corpus* central da pesquisa), Carolina Maciel, Daniele Moreira,

Érica Peçanha, Fernanda de Miranda, Maryelle Pinheiro, Michel Foucault, Osman Lins, Rogério Silva e Solange Marques, compondo, assim, a fortuna crítica do presente trabalho, bem como a fundamentação crítica que corrobora para a presente análise.

Sob esse viés, a presente pesquisa será desenvolvida e dividida em quatro seções, a primeira seção será destinada à vida e obras literárias da mencionada escritora, na segunda seção será trabalhado e discutido a conceituação de literatura marginal/periférica, bem como os entraves enfrentados pelos produtores e artistas culturais dessas vertentes literárias no Brasil. Na terceira seção pretende-se relacionar o livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada (1960)*, com os moldes e os artistas do ramo da literatura marginal/periférica discorrendo também por impacto na esfera literária da obra no Brasil na época da sua publicação, por fim, conclui-se a pesquisa, tecendo considerações finais que fomentem a importância do estudo em evidência.

2 UM PANORAMA DA VIDA DE CAROLINA MARIA DE JESUS E OBRAS

Carolina Maria de Jesus foi autora, artista, escritora, cantora, compositora, doméstica, poetisa, catadora de materiais recicláveis, mãe, símbolo de resistência e resiliência e sobretudo artista brasileira negra, retinta, nascida na cidade de Sacramento em Minas Gerais, oriunda da extinta periferia de Canindé, a qual era localizada na cidade de São Paulo nos meados dos anos 1948 até 1961.

Este é o panorama que a tece e a descreve. Mas, pode-se dizer que ela era e representava um grande potencial literário em solo brasileiro, apesar de no início ser convidada a se retirar do campo e do discurso literário. Sob esse viés, de acordo com Fernanda Rodrigues de Miranda:

A uma mulher negra, pobre e sem alfabetizada não fora dado o direito ao discurso literário, mas tão somente o da legitimidade da voz para denunciar um estado de coisas que, de resto, incomodava a muitos na época dos “anos dourados”: a proliferação das favelas na cidade onde o capitalismo apresentava maior grau de desenvolvimento do país. (De Miranda, 2013, p. 19).

Por essa razão, é perceptível que inicialmente, a produção literária em questão era vista pela crítica literária canônica nos anos 50, como uma ferramenta de denúncia social e não uma obra literária e artística, ou seja, houve um apagamento da legitimidade e do feito literário de Carolina Maria de Jesus. Por esse viés, concorda-se com Miranda acerca da recepção negativa ofertada à citada escritora, na tentativa de tirar e apagar o direito dela em relação ao discurso literário no Brasil.

Carolina Maria de Jesus foi uma mulher negra que gostava muito de ler e escrever, pois ao realizar a sua “atividade laboral” (catar materiais recicláveis) quando encontrava revistas, livros e ou afins nos lixos sempre tirava algo para nas horas vagas, principalmente à noite, no seu leito, ou seja, na sua cama, realizava o hábito da leitura. Apesar de ter baixa escolaridade, destaca-se o quanto ela estava constantemente ciente dos eventos históricos e sociais da sua época. Segundo Moreira: “(...) era leitora voraz de livros e revistas que encontrava nos lixos, ouvinte assídua de rádio, Carolina estava a par do que ocorria ao seu redor e isso certamente contribuiu para sua escrita.” (Moreira, 2019, p. 30 - 31).

Por isso, averigua-se o quanto Carolina Maria de Jesus buscou estar bem informada dos acontecimentos do país da época que antecedeu a publicação do livro, entre 1955 a 1960, através da rádio, mesmo enfrentando constantes desafios em busca da sobrevivência. Dentro dessa lógica, Maryelle Ferreira Pinheiro afirma:

Ao observamos os relatos contidos na obra, é evidente que um dos maiores desafios é a busca incessante por alimento, que se dava por meio do trabalho árduo da catação de lixo. Buscando por ferro, papel e madeira nas ruas da cidade de São Paulo que conseguia dinheiro para comprar comida. (Pinheiro, 2022, p. 14).

Dante disso, observa-se que o cotidiano dela era bastante marcado por resistência e persistência, ou seja, por lutas e desafios diários, pois sempre precisava de dinheiro para realizar atividades simples, como por exemplo: comer, tomar banho e comprar mantimentos para o lar. Comprova-se isso num dos trechos da obra: “Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar”. (De Jesus, 2020, p. 19).

Sendo assim, constata-se que a vida da escritora marginal e periférica foi bastante conturbada, marcada por sobrevivência. Carolina de Jesus buscou criar e incentivar da maneira que pôde, sendo exemplo para os seus filhos. No entanto, cotidianamente vivia lado a lado com o preconceito racial, de gênero e de classe, o que, de certo modo, teve uma influência negativa na vida da escritora periférica. Conforme, mostra-nos Solange Marques Alves: “Na escrita do diário, Carolina de Jesus expõe um relato pessoal de uma mulher negra, pobre, batalhadora e mãe de três filhos.” (Alves, 2022, p. 12).

Além da famosa obra, *Quarto de Despejo: diário de uma favelada (1960)*, ressalta-se que a autora tem alguns livros publicados, na sua curta carreira no ramo literário brasileiro. Carolina Maria de Jesus teve grande destaque por ter outras publicações, como também é sabido que a sua obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada (1960)*, que fora traduzida

para diversos idiomas, tendo grande relevância e destaque no ramo literário internacionalmente. Segundo Fabio Durão:

O livro viria a ser traduzido em 14 idiomas, e estima-se que tenha vendido mais de 1.000.000 de cópias ao redor do mundo. Tornou-se assim um marco cultural, e, como veremos, também transformou Jesus em um ícone, colocando-a por um curto tempo no vórtice de um período de ebulação social e cultural. Carolina de Jesus apareceu em revistas, foi fotografada junto de escritores famosos como Clarice Lispector e Jorge Amado; foi entrevistada incessantemente, viajou para diferentes partes do Brasil e da América do Sul, e se reuniu com diversos políticos. (Durão, 2023, p.63).

Assim, constata-se o impacto literário, artístico e social do livro de Carolina Maria de Jesus na esfera mundial. Pode-se dizer que a vida da escritora Carolina Maria de Jesus foi marcada por dor, existência, resiliência e pela a escrita de si. A ⁴escrevivência, a qual representa a autobiografia é o fazer da literatura a vida e a vida da literatura, bem como ser e estar presente no mundo. (Moreira, 2019). Consequentemente, nota-se que Carolina Maria de Jesus fez isso no seu diário. Dentro dessa perspectiva, o termo "escrevivência" ganhou uma considerável notoriedade na esfera literária, através da escritora, Conceição Evaristo.

Por esse viés, é notório o quanto a escritora é muito emblemática, simbólica e pertinente para o contexto da formação da literatura brasileira. Desse modo, ela inicia e lança a sua carreira no campo da literatura aos 30/40 anos, ao publicar o livro “*O Quarto de Despejo: diário de uma favelada (1960)*”, em 1960 com a ajuda do Jornalista Audálio Dantas, responsável por descobrir e lançar a escritora no ramo literário nacional.

Carolina Maria de Jesus sempre esteve ambientada pela leitura de livros literários, os quais encontrava no lixo, e também pode-se identificar a leitura de textos de diversos gêneros textuais, o jornalístico/noticiário. Tal traço é evidenciado em um trecho do livro em análise:

ZUZA, PAI DE SANTO, EM CANA

‘Zuza’ está em cana desde ontem, pois ele, que se chama na realidade José Onofre, e tem uma apariência realmente imponente, mantinha para lucros extraordinários uma tenda de Umbanda no Bom Retiro, a Tenda Pae Miguel Xangô. É também diretor de uma industria de cadeiras suspeita de irregularidades na Delegacia de Costumes. ‘Zuza’ (foto), foi autuado em flagrante. (De Jesus, 2020, p. 72).

⁴Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos”. (Evaristo, 2020, p. 30).

Diante do exposto, mostra-se o quanto o contato de Carolina Maria de Jesus com textos era eclético e diversificado, o que, talvez, tenha possibilitado/despertado um senso crítico, político e social da escritora, a qual também é narradora-personagem da sua obra. Por isso, inúmeras vezes ela tece críticas a figuras públicas, principalmente governantes: presidente, governador, prefeito e afins.

Esse senso crítico e essa consciência social e racial demonstra que a autora tinha conhecimento das desigualdades sociais, da falta de investimento público em segurança pública, em saneamento básico e em moradia. Além disso, a narradora-personagem, sempre esteve ciente das oscilações nos preços dos alimentos, carne, óleo, açúcar e afins.

Em meio a esse cenário, observa-se que Carolina Maria de Jesus no desenvolvimento da sua obra pode ser considerada como uma narradora-personagem. Desse modo, a narradora-personagem se importa muito com a educação e o desenvolvimento escolar dos seus filhos, pois por inúmeras vezes ela levou os seus filhos ao colégio e não queria que eles faltassem às aulas.

Convém acrescentar que, a Carolina/narradora-personagem principal mostrou ser uma pessoa ativa na sociedade e sempre esteve disposta para viver e sobreviver, apesar de algumas vezes pensar em suicídio por causa da sua situação financeira e econômica, ela até chega a cogitar a convidar os seus filhos para se suicidarem, porém não faz tal ato, conforme o trecho a seguir:

[...] Hoje não temos nada para comer. Queria convidar os filhos para suicidar-nos. Desisti. Olhei meus filhos e fiquei com dó. Eles estão cheios de vida. Quem vive, precisa comer. Fiquei nervosa, pensando: será que Deus esqueceu-me? Será que ele ficou de mal comigo?. (De Jesus, 2020, 161).

Assim, nota-se, o quanto a vida de Carolina Maria de Jesus fora marcada por inúmeras circunstâncias de cunha social, marginal, como também periférico. Sob esse viés, a publicação do seu livro de grande sucesso e vendagem, a obra *Quarto de Despejo: diário de uma Favelada (1960)* e ganha e alcança um público gigantesco, sendo até traduzido e publicado por outros países, ou seja, tendo destaque nacional e internacional. Logo, a mencionada autora brasileira, atualmente, é uma peça importante para a formação literária no país, pois as suas obras são ferramentas de estudos para múltiplos campos do conhecimento científico e acadêmico.

Além disso, a escritora continuou publicando livros e obras como por exemplos: Casa de Alvenaria (1961), Pedaços da Fome (1963), Provérbios (1963) e Diário de Bitita (1986), essas são algumas obras que a escritora, Carolina de Jesus publicou e teve uma vasta recepção dos telespectadores e leitores tanto no Brasil, quanto no exterior.

É relevante ressaltar que a citada escritora relaciona as suas obras com a suas vivências particulares tanto da juventude quanto da infância e na fase adulta, mesclando assim, a versatilidade de sua criação e escrita literária no cenário da literatura brasileira. Assim, em consonância com Daniele Moreira:

As publicações de Carolina não só possuem conexões com elementos culturais de suas origens africanas e mineiras, a autora se valeu também da literatura de cunho romântico, da valorização da natureza e do olhar crítico diante de injustiças, ela desenvolveu um modo próprio de trabalhar a linguagem, utilizou seus recursos embasados de seus dramas cotidianos para compor seus textos de modo simbólico, realístico, fornecendo um material até então inédito na Literatura brasileira. (Moreira, 2019, p.29).

Em posse disso, percebe-se o quanto Carolina de Jesus, em suas obras ousou e “brincou” com múltiplos elementos textuais, linguísticos, literários e sociais, bem como culturais, ou seja, deixou que a sua criatividade aflorasse de tal maneira que se pode considerá-la uma das personagens, artista e escritora brasileira com grande relevância no âmbito da literatura no Brasil, bem como uma influência marcante, possibilitando um destaque significativo no país, o que, de certo modo, contribuiu para o vasto sucesso após mais de cinco décadas.

Dentro dessa perspectiva, Moreira afirma: “Carolina foi ímpar, pioneira nesse sentido, lançou-se no cenário editorial e tornou-se uma referência de uma literatura que só ganharia espaço quarenta anos depois”. (Moreira, 2019, p. 38).

Dessa maneira, salienta-se o quanto Carolina Maria de Jesus enfrentou dificuldades para ter sucesso e ser considerada uma escritora. Posto isso, realça-se que esses obstáculos foram enfrentados por ela ser uma mulher negra e retinta, no entanto, testemunha-se que eles foram confrontados com maestria pela autora ao se manter no ramo literário após a publicação do seu primeiro livro, bem como após mais de seis décadas da divulgação do seu primeiro e pioneiro livro literário, o qual é o objetivo de estudo desta pesquisa.

Posto isso, infere-se, que as produções artísticas e literárias da mencionada autora alcançaram um patamar vasto e uma proporção extensa, como Moreira afirma:

Vale lembrar que os trabalhos da autora são extensos e estão distribuídos em instituições arquivísticas de diferentes cidades como o Rio de Janeiro, São Paulo, Sacramento, MG e até mesmo Nova York.” (Moreira, 2019, p.71).

Diante do exposto, comprova-se o quanto a autora através das suas produções literárias impactou várias pessoas no mundo, principalmente com o livro “*Quarto de despejo: diário de uma favelada*” (1960), o qual está sendo produzido na esfera cinematográfica nacional.

3 O QUE SIGNIFICA MARGINAL E PERIFÉRICO?

Neste tópico será apresentado e discutido sobre a literatura marginal/periférica, abordando de forma clara, concisa e objetiva os componentes que cercam esse tipo de arte e literatura, bem como, trazer na análise os múltiplos segmentos artísticos desses movimentos literários em questão. Para isso, serão trabalhados dois eixos temáticos. O que significa marginal e periférico e do que se trata a literatura marginal/periférica.

É importante iniciar a discussão enfatizando que os termos marginal e periférico sempre tiveram, historicamente, uma conotação negativa e pejorativa, ou seja, lido com algo ruim. No entanto, sabe-se que estes movimentos literários e artísticos quebram e rompem com essa característica de depreciação e carga semântica da negatividade, trazendo uma outra roupagem e característica de valorização dos termos citados, bem como uma caracterização positiva para os ocupantes/oriundos e artistas ligados a esses movimentos.

Haja vista que, essas correntes artísticas querem manter é a valorização dos componentes ligados ao universo daqueles que estão à margem da sociedade, culturalmente e socialmente. Posto isso, a junção dos termos literatura, marginal e periférico, se tornam um só. A literatura marginal/periférica nos faz pensar que houve uma mudança semântica do significativo de tais vocábulos.

Por isso, trazer a conceitualização das palavras citadas é importante para analisar e mostrar a interferência da linguagem no ramo social e literário, mas principalmente para ter ciência do quanto essa carga semântica negativa acompanha os artistas marginais e periféricos. Eles têm significativo receio das suas obras e produções artísticas serem observadas e interpretadas negativamente. Érica Peçanha abordou o sentido do termo marginal:

Já marginal adjetiva aqueles que estão em condição de marginalidade em relação à lei ou à sociedade, possuindo, portanto, sentido ambivalente: assim como se refere, juridicamente, ao indivíduo delinqüente, indolente ou perigoso, ligado ao mundo do crime e da violência; aplica-se, sociologicamente, aos sujeitos vitimados por processos de marginalização social, como pobres, desempregados, migrantes ou membros de minorias étnicas e raciais, tendo como sinônimo, neste último caso, o adjetivo marginalizado. (Peçanha, 2006, p. 11).

Desse modo, vê-se a ambivalência da palavra marginal, o que, de certa forma, gerou uma insegurança a corrente literária marginal/periférica, pois sabe-se que os autores

marginais e periféricos são caracterizados e nomeados dessa maneira por estarem à margem da sociedade brasileira e do setor editorial do país, como também eles habitam/moram ou até mesmo são oriundos das favelas/periferias brasileiras.

Nesse sentido, componentes relacionados ao universo literário do negro, negritude e a conjuntura que corresponde ao universo marginal/periférico passa a ter valor social e literário, saindo do âmbito do estranhamento (estranho) e exótico e ganhando simbologia e representatividade nos múltiplos segmentos artísticos, culturais, sociais e literários. Em posse disso, Peçanha na sua dissertação relata os entraves para conseguir dialogar ou até mesmo entrevistar artistas/personalidades desse componente literário:

Entendi, então, que a resistência aos trabalhos acadêmicos não era prerrogativa de Ferréz ou de Sérgio Vaz, tratava-se de uma desconfiança comum aos outros escritores, sobretudo porque eles temem que seus produtos e ações sejam interpretados sob o signo do exótico e do inferior, ou apropriados por membros de grupos sociais privilegiados. (Peçanha, 2006, p. 6-7).

É oportuno destacar que, percebe-se o quanto os artistas/personalidades desses movimentos literários e artísticos tinham receio de serem estereotipados. Por esse viés, é sabido que as palavras marginal e periférico estão diretamente relacionadas a outras palavras que possuem significados com uma carga semântica ruim, como por exemplo: os termos criminoso, delinquente, ladrão, ladrãozinho e até mesmo marginal (no sentido de criminal ou ato infracional).

Assim, os produtores culturais desse meio artístico e literário, têm um grande destaque dentro dos elementos que circundam o universo das minorias sociais, as quais, são representadas e exibidas pelos artistas periféricos e marginais, por isso, conforme Moreira:

A Literatura Marginal, sempre é bom frisar, é uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas. Literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, isto é, de grande poder aquisitivo.” (FERRÉZ, 2005, p. 4). O enfoque da palavra ‘marginal’, escolhida pelo autor para justificar seu trabalho, serve como destaque para designar minorias raciais ou socioeconômicas.” (Moreira, 2019, p.43).

Seguindo essa perspectiva, Moreira segue frisando que os múltiplos trabalhos artísticos dos produtores culturais da periferia têm seu próprio público leitor e produtor, assim de acordo com ela: “(...) fica evidente que a produção da periferia, escrita pela periferia, inclui-se perfeitamente no espaço da arte literária.” (Moreira, 2019, p.77). Além disso, há também um pensamento de pertencimento de *locus* (lugar) das pessoas periféricas e

marginalizadas, pois conforme Moreira (2019) pode-se pensar que a literatura da periferia beneficia-se de uma noção de pertencimento e fortalecimento das pessoas negras/periféricas/marginais, as quais são orgulhosas e rancorosas. Conforme evidencia Moreira: “É possível observar que a literatura de periferia se vale dessa temática, está ligada a essa noção de pertencimento e uma comunidade negra fortalecida, orgulhosa e rancorosa em relação ao seu passado.” (Moreira, 2019, p. 68).

Para mais, percebe-se o quanto os artistas marginais e periféricos sempre têm um olhar de desconfiança acerca das suas produções artísticas e literárias não serem lidas com obras, produções e feitos literários capazes de produzir e disseminar arte através das suas criações artísticas. Diante disso, Moreira afirma:

As definições de marginalidade e canonicidade não dão conta dos percursos das escritoras em questão. É como se o lugar delas na literatura fosse um lugar imaginado, provisório, sempre subordinado às demandas do tempo, por vezes objeto de dúvida e desqualificação”. (Moreira, 2019, p. 21).

A despeito disso, é extremamente essencial abordar a concepção de marginal e periférico registrado no dicionário da língua portuguesa:

[De margin(i)-=al] Adj. 2g. 1. Da margem (1 e), ou a ela relativo, ou feito, traçado escrito, desenhado nela: A largura marginal do livro é pequena; Há na obra umas notas marginais; o volume contém ilustrações marginais. 2. V. ribeirinho (2). 3. V ripíocola. 4. Feito ou elaborado à margem de algum assunto: comentários marginais. 5. Econ. Relativo a pequenas variações (na quantidade produzida, no consumo, etc.): custo marginal, produtividade marginal, utilidade marginal. 6. Bras. Diz-se de pessoa que vive à margem da sociedade ou da lei como vagabundo, mendigo ou delinqüente; fora-da-lei. ~ V. custo-homem-,nota-,receita- e terreno - S. 2 g. 7. Bras. Indivíduo marginal (6); fora-da-lei: A polícia prendeu diversos marginais. (Ferreira, 1999, p. 1285).

Dessa forma, ressalta-se o quanto o significado e a simbologia do termo acima impactou de maneira negativa na caracterização e nomeação dos produtores e artistas culturais marginais e periféricos, os quais, de certa forma, têm medo de serem lidos e medo de que as suas obras e produções sejam só relacionadas e conectadas a simbologia pejorativa da palavra marginal.

Entretanto, os escritores marginais e periféricos são extremamente orgulhosos por serem relacionados ao universo do contexto social das periferias e das favelas, os quais, de certo modo, estão à margem da sociedade, tanto em direitos, investimentos cultural e social, bem como, algumas favelas e periferias são conectadas à margem de rios, por isso, em certos momentos o vocabulário marginal está conectado ao rio, no seu aspecto físico.

Nesse sentido, ressalta-se, pois, que a extinta favela do Canindé, da qual Carolina Maria de Jesus foi moradora, estava à margem do atual rio Tietê. No que se refere ao vocábulo periférico encontra-se:

[De *periferia* +- *ico*².] **Adj.** 1. Relativo a periferia. 2. Situado na periferia (1): *bairros periféricos*. **3. Bot.** Diz-se do perisperma quando envolve e oculta o embrião.~ V. *dispositivo* - e *sistema nervoso* - . **S.m.** 4. *Inform.* Dispositivo periférico (q. v.). (Ferreira, 1999, p. 1545).

Diante do exposto, percebe-se que a concepção da palavra periférico possui bastante conexão com os produtores e artistas culturais do cânone da literatura marginal/periférica, pois eles estão situados e localizados no âmbito da favela/periferia, ou seja, à margem do contexto social. Abordar os sentidos dos termos citados, portanto, faz-se pertinente para mostrar e enfatizar o quanto há uma insegurança dos autores marginalizados e periféricos por serem vistos com um olhar socialmente negativo, com um toque de discriminação social, por ocupar o *locus*, ou seja o espaço dos indivíduos marginalizados socialmente.

3.1 A LITERATURA MARGINAL/PERIFÉRICA

Por esse viés, a literatura marginal/periférica representa um movimento literário de ruptura e quebra com as vertentes literárias do campo canônico no Brasil, pois é composta, criada e escrita por artistas, personalidades e escritores oriundos do âmbito literário e social marginal/periférico brasileiro, mas inicialmente, sabe-se que ela era produzida e disseminada por outras pessoas, as quais não habitavam e nem faziam parte do solo marginalizado. Segundo Peçanha: “Esses poetas marginais eram oriundos da classe média (alguns das camadas altas), estudantes de universidades públicas e ligados às atividades de cinema, teatro e música.” (Peçanha, 2006, p.14).

Por conseguinte, identifica-se que os artistas marginais estavam conectados a múltiplas instâncias artísticas. Com isso, centrando apenas na literatura, pode-se dizer que esse movimento literário rompe completamente com o cânone da área literária no solo brasileiro, trazendo uma nova característica e roupagem dos elementos ligados à arte e à literatura, pois é sabido que esse movimento perpassa e passeia por múltiplos segmentos artísticos.

Nesse sentido, Rogério de Souza Silva destaca a importância de tal movimento literário: “(...) o movimento literário que vem sendo chamado de literatura marginal e a sua possível contribuição para a compreensão de traços gerais da sociedade brasileira e da

periferia das grandes cidades em particular". (Silva, 2014, p.4). Logo, Carolina Maria de Jesus no seu diário traz e exibe um panorama de uma extinta comunidade periférica, antecedendo, desse modo, componentes sociais da circunscrição de um ambiente periférico. Assim, destaca-se o pioneirismo desse movimento literário e artístico na obra da mencionada escritora marginal e periférica.

Sabe-se que tal movimento literário tem grande contribuição em diversos segmentos artísticos ligado ao campo da arte, da música e da literatura, pois há manifestos artísticos, ou seja, produções artísticas na música, sendo um grande potencial como a música do hip-hop e rap, saraus literários organizados nas periferias da grande São Paulo, surgidos em meados do século 20 e início do século 21. Posto isso, segundo Moreira: "Primeiramente, é importante destacar que, ao final dos anos 1990 e início de 2000, se difunde e assume relevância nos grandes meios literários um movimento intitulado "Literatura Marginal". (Moreira, 2019, p. 43).

Ainda nesta perspectiva, é sabido que a literatura marginal/periférica inicialmente esteve fora do meio literário editorial de grande circulação, pois segundo Miranda (2013) o movimento artístico desse tipo literário buscou ter uma circulação livre de textos em formato de livretos artesanais com expressões e características da linguagem coloquial. (Miranda, 2013, p. 38).

Em suma, a concentração de literatura marginal/periférica pode ser uma forma de expor, escrever, rimar, disseminar arte e cultura por meio da arte de autores, escritores, compositores, cantores e poetas que estão à margem do âmbito literário brasileiro, principalmente do setor editorial, o qual é responsável e representa uma grande parcela de divulgação de escritores na área da literatura. Por essa perspectiva, depreende-se que Carolina Maria de Jesus representa e exprime um pioneirismo desse movimento literário e artístico, sendo assim, de acordo com Moreira:

O trabalho de Carolina Maria de Jesus deixa um legado importante. A escritora pode ser lida como percussora de uma tendência literária oriunda da periferia, seu trabalho pode ser interpretado como um grande marco no movimento negro, sua trajetória é símbolo de luta dos pobres, das mulheres, dos negros, dentre muitas outras possibilidades de leitura." (Moreira, 2019, p. 35-36).

De posse disso, os trabalhos/livros e as produções no âmbito da literatura de Carolina Maria de Jesus traz na sua narrativa múltiplos assuntos e temáticas ligadas ao universo que dialoga com o universo da literatura de cunho marginal/periférico, especialmente, a

linguagem coloquial e em particular, além de sua história de vida, pois é sabido que Carolina de Jesus foi cria, oriunda, moradora e cidadão da favela/periferia.

Por esse viés, pode-se dizer que a própria periferia tem o seu público leitor e produtor cultural, os quais, de certo modo, fomentam e alimentam o campo da literatura brasileira, bem como o âmbito literário marginal/periférico, desse modo, Miranda afirma:

A periferia hoje constitui seu próprio público leitor, pessoas que compartilham os mesmos códigos e que não buscam, a priori, o aval da academia ou das grandes editoras. Sarau literários e selos alternativos possibilitam a circulação bem-sucedida dos textos, sem a necessidade primária de legitimação pelas vias “oficiais” do circuito literário. Este dado altera radicalmente o cenário, pois tal realidade não existia quando *Quarto de despejo* foi lançado. (De Miranda, 2013, p.13).

Sendo assim, há uma diferença entre a obra Carliniana e as diversas outras produções das personagens marginais e periféricas, ou seja, é notável que as pessoas que viviam em situação de vulnerabilidade social e pobreza extrema não tinham acesso digno ao âmbito cultural, nota-se que a própria Carolina de Jesus, buscava livros, jornais, revistas, ou melhor, tudo que ela poderia utilizar para exercer a leitura. Entretanto, atualmente, cidadãos do contexto social da periferia/favela, estão, de certo modo, “inseridos” nos diversos segmentos sociais e culturais, todavia, é nítido que os personagens do romance eram excluídos culturalmente nesse aspecto.

Sob esse viés, é sabido que nos anos 50 (época da publicação da obra), não se tinha leis, estatutos ou diretrizes que possibilitasse o acesso dos habitantes das periferias aos espaços culturais do Brasil.

4 ANÁLISE DA OBRA *QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAPELADA (1960)* E O SEU IMPACTO SOCIAL E LITERÁRIO NO BRASIL

Neste tópico, será explorado e abordado alguns elementos que foram essenciais para construção da obra. Pretende-se, discutir um pouco sobre a composição do livro, do enredo, a linguagem empregada pela autora que ora mescla com a narradora-personagem Carolina Maria de Jesus, as expressões, o uso recorrente da linguagem voltada para à informalidade e ao mesmo tempo a perspectiva de como a autora constrói o cenário da trama da obra.

Primeiramente, cabe destacar que o alcance da obra de Carolina Maria de Jesus forá tão representativo, pois a sua escrita de registro e denúncia social, num relato literário e social, em formato de um diário, abriu portas e olhares para as múltiplas problemáticas no ramo social no país, principalmente nas grandes favelas/periferias brasileiras, as quais

identificam-se até hoje. Além disso, no âmbito literário, percebe-se que o seu livro fora considerado, na época, um *best seller* por tamanha riqueza literária e social.

Por essa razão, Miranda pondera: “O sucesso notável de público do primeiro livro de Carolina Maria de Jesus parece indicar que sua voz foi bastante audível aos ouvidos dos leitores nos anos 60.” (De Miranda, 2013, p. 64). Assim, depreende-se o quanto a primária, obra de autoria da escritora Carolina Maria de Jesus, teve uma recepção positiva dos leitores no Brasil. Em Posse disso, segundo de Miranda:

A primeira tiragem, que inicialmente seria de 3.000 livros, passou a 30.000, esgotada em três dias somente em São Paulo. O livro hoje está na 10ª edição 7. As traduções do Quarto de despejo começaram a circular menos de um ano depois de seu lançamento no Brasil, em edições produzidas na Dinamarca, Holanda e Argentina (1961); França, Alemanha (Ocidental e Oriental), Suécia, Itália, Checoslováquia, Romênia, Inglaterra, Estados Unidos e Japão (1962); Polônia (1963); Hungria (1964); Cuba (1965) e entre 1962 e 1963 na União Soviética. Para a época, um feito⁸. Um grande feito, a propósito, considerando tratar-se de uma autora anônima e estreante, que foi lida por “capitalistas” e “socialistas”, “ocidentais” e “orientais”, “desenvolvidos” e “subdesenvolvidos”, numa época em que o mundo se dividia em tantos blocos antagônicos. (De Miranda, 2013, p. 28).

Dentro dessa perspectiva, pode constatar o quanto o livro em questão fora utilizado como instrumento de estudo e pesquisa no campo acadêmica, abrangendo diversas áreas do conhecimento: jornalística, sociológica, literária, história e social, e dentro do ramo da linguagem com o estudo sobre a ótica do gênero diário e autobiografia. À vista disso, enfatiza-se que o livro é um registro/relato histórico, jornalístico, sociológico e literário, sendo assim, um material de estudo para as variadas áreas do conhecimento/saber.

Portanto, isso destaca o quanto a extensão que a obra de Carolina Maria de Jesus obteve, sendo até hoje traduzida, editada, revisada por vários estudiosos do âmbito social, literário e outros segmentos acadêmicos, como também, percebe-se que a autora através da sua escrita literária conseguiu alcançar e impactar um público diversificado de leitores.

4.1 A ESTRUTURA, O GÊNERO E A LINGUAGEM DA OBRA

Nesta seção serão trabalhados os prismas que norteiam a estrutura, o gênero e a linguagem literária de Carolina Maria de Jesus para produzir e compor a obra, os quais possuem múltiplas particularidades. Desse modo, pretende-se evidenciar a literariedade da escritora marginal/periférica, Carolina Maria de Jesus, principalmente, abordando semelhanças linguísticas, textuais e estilísticas da citada autora com os autores marginais/periféricos.

Nesse sentido, sabe-se que na composição e na estrutura da obra, pode-se encontrar no desenvolvimento da história/trama a presença da narradora-personagem, Carolina Maria de Jesus, ou seja, um diário autobiográfico de uma mulher retinta negra, periférica/“marginal” / catadora de papel e materiais recicláveis, pobre e mãe solteira. Dessa forma, a obra é escrita no formato de uma prosa que é dividida por seções/blocos.

Em vista disso, salienta-se que as seções do livro estão subdivididas por dia, mês e ano, ou seja, Carolina Maria de Jesus narra diariamente algumas vivências, experiências, testemunhos e acontecimentos/eventos do seu cotidiano, desde o amanhecer até a hora que ela vai se deitar, ou melhor, dirige-se ao seu leito. Conforme abaixo:

1 de janeiro de 1959

Deixei o leito as 4 horas e fui carregar agua. Fui lavar as roupas. Não fiz almoço. Não tem arroz. A tarde vou fazer feijão com macarrão. [...] Os filhos não comeram nada. Eu vou deitar porque estou com sono. Era 9 horas, o João despertou-me para abrir a porta. Hoje estou triste. (De Jesus, 2020, p. 139).

Assim, confirma-se a formatação estrutural da obra, no que tange aos aspectos identificados, dia, mês e ano, bem como, consegue-se assegurar ao analisar a narrativa do livro, as vivências da narradora-personagem, Carolina Maria de Jesus.

Em relação ao gênero literário e textual empregado e utilizado pela autora da presente obra, observa-se que o referido livro é um romance composto sob o gênero diário. Dentro dessa lógica, Carolina Maciel pondera: “Vale ressaltar que o gênero diário enfatiza o testemunho na narrativa ao apresentar marcas de convencimento em sua escrita.” (Maciel, 2016, p. 78).

Isso posto, cabe destacar que, o livro aborda e traz inúmeras vivências e experiências da narradora-personagem, Carolina Maria de Jesus, a qual, de certa forma, testemunhou e experimentou múltiplos acontecimentos narrados por ela em sua trajetória vida, os quais, pode-se encontrar na trama da sua obra.

Em relação a linguagem narrativa, vê-se que o livro é narrado em 1^a pessoa, percebe-se que a autora usou muitas palavras consideradas como desvios de acordo com a norma padrão da língua portuguesa, ou seja, utilizava a linguagem simples/informal, pois são identificados vocábulos e expressões da língua falada popularmente, como por exemplo: **iducação, puchar e policia**, mas também nota-se que ela usou palavras rebuscadas, exemplos: funesta, leito e tépida. Acerca disso, confirma-se a versatilidade linguística construída pela escritora na narrativa da sua obra.

Depreende-se que, em certos momentos a narradora-personagem “brincou” e ousou com as variadas formas de escrever e compor um texto literário, pois ela tentou criar alguns

versos/músicas/melodias/poesias/poemas dentro do seu diário, como se pode visualizar em alguns trechos da sua obra na tabela a seguir:

<p>“[...] O verso preferido era este: <i>Ouço o povo dizer O Adhemar tem muito dinheiro Não tem direito de enriquecer Quem é nacional, quem é brasileiro?</i>” (De Jesus, 2020, p. 95)</p>	<p><i>“Te mandaram uma macumba e eu já sei quem mandou Foi a Mariazinha Aquela que você amou Ela disse que te amava Você não acreditou.”</i> (De Jesus, 2020, p. 112)</p>	<p><i>“Alguns homens em São Paulo Andam todos carimbados Traz um letreiro nas costas Dizendo onde é empregado.”</i> (De Jesus, 2020, p. 113)</p>
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Diante do exposto, percebe-se o quanto a autora, mesmo sendo pouco escolarizada, tinha uma familiaridade e uma afinidade com a leitura e a escrita, como se manifesta na sua criação literária. Assim, pode-se visualizar a versatilidade da escritora ao escrever a sua obra. De acordo com Pereira: “(...) desde que foi alfabetizada, desenvolve grande gosto pela escrita e leitura; escrevendo poemas, provérbios, composições musicais, peças de teatro e seus diários.” (Pereira, 2020, p. 2), constatando-se, dessa maneira, a multifuncionalidade linguística e literária da romancista Carolina Maria de Jesus.

Entretanto, a romancista poderia até não saber a estrutura de um poema ou até mesmo outro tipo de texto literário, mas verifica-se que ela ousou e se aventurou na criação literária, mesmo sem ter uma noção do que seria rima, métrica, estrofe e elementos estruturais de um poema. No entanto, reconhece-se que ela tinha noção do que era um verso pela composição e estrutura dos excertos da obra acima.

À vista disso, a romancista também empregou na sua obra algumas figuras de linguagem, como por exemplo: a anáfora, a metáfora e a metalinguagem, a metáfora é evidenciada logo no título do livro. Além disso, observa-se a recorrência da figura de linguagem metafórica, ao nomear e subdividir a cidade de São Paulo, pois ela caracterizou a favela do Canindé como um quarto de despejo e a cidade de São Paulo como a sala de visita. Conforme verifica-se num excerto do romance: “[...] Eu classico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos.” (De Jesus, 2020, p. 36).

Em outro fragmento, Carolina de Jesus, considerava a favela como um quarto de despejo:

Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de veludos, almofadas de sitim. E quando estou na

favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo. (De Jesus, 2020, p. 40-41).

Assim, constata-se a presença da figura de linguagem metafórica na obra da autora, comprovando-se o conhecimento da romancista dos mecanismos e recursos linguísticos. Sob esse viés, a metalinguagem da obra em questão pode ser encontrada quando percebe-se que a autora fala/narra que está escrevendo a obra, pois para ela a escrita dessa obra é o modo que ela encontrou para continuar lutando e vivendo em sociedade, mesmo com os todos os emblemas e problemas enfrentados por ela.

Outrossim, averigua-se que em certas passagens da presente obra, a autora/narradora-personagem, utilizou a figura de linguagem anafórica, como pode-se ver num trecho a seguir: “[...] Os meninos come muito pão. Eles gostam de pão mole. Mas quando não tem eles comem pão duro. Duro é o pão que nós comemos. Dura é a cama que dormimos. Dura é a vida do favelado.” (De Jesus, 2020, p. 44).

À vista disso, a continuação de uma ideia que cria e exprime uma versatilidade da narradora-personagem, pode-se confirmar na repetição das palavras pão e dura(o), o que, consequentemente, é um fator fundamental que evidencia a manifestação da figura de linguagem da anáfora empregada na obra em questão, enfatizando-se, assim, um dos traços estilísticos, textuais, literários e linguísticos aprimorados e apresentados pela autora Carolina Maria de Jesus, os quais são pertinentes à literatura marginal/periférica, pois há uma dicotomia no que tange a denúncia social, precariedade dos indivíduos marginalizados, bem como a relação entre a fome e a pobreza.

Para mais, verifica-se a ocorrência de outras figuras de linguagem na obra, conforme vê-se abaixo: “[...] Fui visitar o filho recem nascido de D. Maria Puerta, uma espanhola de primeira. A joia da favela. É o ouro no meio do chumbo.” (De Jesus, 2020, p. 32).

Nesse fragmento do excerto acima percebe-se três figuras de linguagem, a antítese, pois a autora compara ouro com chumbo, ou seja, o ouro pode representar leveza e riqueza, já chumbo se relaciona com algo pesado e difícil, bem como a pobreza, demonstrando dessa forma, o contraste de ideais opostos entre riqueza e pobreza. Já a hipérbole conecta-se com a caracterização de um ser humano como algo valioso, ou melhor, uma joia, demonstrando, assim, um sentido de exagero. Por fim, a presente passagem também exprime a metáfora.

Nesse sentido, a prática da escrita sempre circundou a vida de Carolina Maria, pois a autora dedicou-se a esse exercício numa investida de idealizar algo fictício, mesclando-se com o real. Dentro dessa ótica, Carolina Maria de Jesus segue frisando que a sua obra é uma produção realista, assim, segundo ela: “[...] Fui na sapataria retirar os papeis. Um sapateiro

perguntou-me se o meu livro é comunista. Respondi que é realista. Ele disse-me que não é aconselhável escrever a realidade.” (De Jesus, 2020, p. 100). Logo, detecta-se o aspecto fictício e realista da obra comprovando a multifuncionalidade literária da autora.

Sendo assim, Michel Foucault afirma:

A escrita como exercício pessoal praticado por si e para si é uma arte da verdade contrastiva; ou, mais precisamente, uma maneira reflectida de combinar a autoridade tradicional da coisa já dita com a singularidade da verdade que nela se afirma e a particularidade das circunstâncias que determinam o seu uso. (Foucault, 1992, p. 5).

Em virtude disso, a arte de escrever e a prática da escrita de Carolina Maria de Jesus mostra-se uma particularidade pessoal, como também uma característica afirmativa dos fatos e acontecimentos que circundam a vida e a história, bem como o enredo da obra, numa tentativa de tornar “verdadeiro” o que fora escrito, assim, trazendo um elemento de autonomia e autoridade da escrita. Dentro desse panorama Foucault assegura que: “ Escrever é pois “mostrar-se”, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro.” (Foucault, 1992, p. 8). Assim, a narradora-personagem, Carolina, exibe-se como uma figura importante na trama e no enredo da sua obra.

Diante do exposto, essa atividade exercida por Carolina Maria de Jesus, revela-se um elemento crucial, bem como primordial na construção da sua identidade e personalidade, como também, traz uma representação simbolicamente de escritor(a) com múltiplos mecanismos linguísticos, como também conhecimento de outros saberes. Consequentemente, o ato de escrever manifesta-se como uma forma do escritor(a) apresentar-se perante a sociedade, igualmente uma maneira de se deixar ser visto pelo outro.

Por essa razão, debruçar-se sobre a criação e escrita literária de Carolina Maria de Jesus é perceber que ela utilizou de expressões coloquiais e informais, como também de trechos de versos populares, dando destaque à poética popular do dia a dia. Diante do exposto, constata-se o quanto ela tinha reconhecimento e domínio de alguns recursos linguísticos, literários e textuais, apesar de ser semianalfabeta, ou seja, com baixa escolaridade.

Sob esse viés, vê-se isso na própria obra dela a seguir: “Tenho apenas dois anos de grupo escolar, mas procurei formar meu caráter”. (De Jesus, 2020, p. 23). À vista disso, assegura-se que, infelizmente, Carolina Maria de Jesus não conseguiu concluir o ensino básico/primário da educação brasileira.

4.2 O CONTEXTO SOCIAL DOS PERSONAGENS

Nesta seção, será abordado o contexto social dos personagens e da narradora-personagem, o qual, revela-se bastante conturbado, conflituoso e confuso sem esquecer das dificuldades socioeconômicas vivenciadas por eles, para obter comida, energia e para se manter numa casa/barraco feita de tábuas. Demonstra-se isso numa passagem da obra a seguir: “Fiquei apreensiva, porque eu estava catando papel, andrajosa [...] Depois, não mais quiz falar com ninguém, porque precisava catar papel. Precisava de dinheiro. Eu não tinha dinheiro em casa para comprar pão. Trabalhei até 11,30.” (De Jesus, 2020, p. 22).

Posto isso, verifica-se que diariamente e religiosamente, sem hesitar e sem faltar um dia, só quando estava doente ou quando algum filho dela adoecia, a narradora-personagem, Carolina de Jesus, saia para catar papel e tudo aquilo que pudesse trazer um retorno financeiro para ela. Logo, verifica-se que a narradora-personagem não tinha uma fonte de renda mensal e fixa.

Desse modo, dentro de lógica, Osman Lins evidencia que quando o narrador também é personagem da sua trama e do seu enredo, há uma ambientação fraca. (Lins, 1972, p.81), o que averigua-se no livro em questão. Por isso, há na obra literária supracitada uma ambientação considerada fraca, seguindo a lógica de Osman Lins.

Entretanto, mesmo que a narradora também seja uma personagem da sua trama, tornando-se narradora-personagem da sua obra, o que, caracteriza-se uma ambientação fraca, não podemos esquecer dos outros mecanismos e recursos literários, linguísticos, sociais, textuais e estilísticos elaborados, desenvolvidos e utilizados pela autora na construção e na composição estilística do livro, os quais foram apresentados anteriormente, especialmente, a obra enfoque, a qual traz denúncias/críticas de teor social e figuras de linguagem entre outras peculiaridades linguísticas, estilísticas e literárias.

Outrossim, cabe destacar que, a ambientação do livro tem como prisma central a condição e a posição social da narradora-personagem, a qual é explorada da maneira mais realista possível pela escritora do romance. Isso posto, a ambientação do livro revela-se bastante peculiar e rica, no que tange aos variados aspectos linguísticos, sociais e textuais apresentados nos numerosos parágrafos da obra.

Ainda nos pressupostos dos personagens, mostra-se que o pai da sua filha caçula (Vera Eunice) tinha a obrigação de mandar mensalmente a pensão alimentícia da filha, porém observa-se que em múltiplas vezes, quando a narradora-personagem ia receber o dinheiro ele não tinha “depositado”. Detecta-se isso neste trecho: “[...] Fui no Juiz. Receber o dinheiro

que o pai da Vera me dá por intermédio do Juizado. [...] O advogado não quiz me dar a ficha." (De Jesus, 2020, p. 153).

Dentro dessa perspectiva, a autora exibe, na narrativa do seu livro, conflitos com os vizinhos, vizinho com vizinho, cenas de sexo entre os moradores da favela, as quais, quase sempre são presenciadas pelas crianças periféricas. Sendo assim, há um cenário super caótico e conturbado, tecendo a identidade visual e panorâmica da extinta favela/periferia Canindé e da cidade de São Paulo nos meados dos anos 50. Conforme Carolina Maria de Jesus:

[...] E o pior na favela é o que as crianças presenciam. Todas crianças da favela sabem como é o corpo de uma mulher. Porque quando os casais que se embriagam brigam, a mulher, para não apanhar sai nua para a rua. Quando começa as brigas os favelados deixam seus afazeres para presenciar os bate-fundos. De modo que quando a mulher sai correndo nua é um verdadeiro espetáculo para o Zé Povinho. (De Jesus, 2020, p. 48).

Assim, há uma linearidade contínua e constante do enredo apresentado pela escritora, Carolina Maria de Jesus, nas múltiplas seções do seu livro. Desse modo, mostra-se, assim que a citada autora também é uma narradora-personagem da sua obra, por isso, de acordo com Osman Lins:

Conduzidas através de um narrador oculto ou de um personagem-narrador, tanto a ambientação franca como a ambientação reflexa são reconhecíveis pelo seu caráter compacto ou contínuo, formando verdadeiros blocos e ocupando, por vezes, vários parágrafos. (Lins, 1972, p. 83).

Sob esses aspectos, constata-se que a narradora-personagem principal, Carolina, ocupa inúmeras páginas e parágrafos da sua trama diária, ou seja, há uma continuidade e uma linearidade no desenrolar e no desenvolvimento do livro, pois encontra-se uma grande quantidade de fragmentos a presença da narradora-personagem, quando observa-se os traços textuais e sociais da trama/história.

Dessa forma, a presente produção literária traz vivências de uma extinta comunidade, a favela do Canindé, as quais foram importantes para a narradora-personagem, Carolina Maria. Isso posto, Carolina Maciel diz:

A literatura de testemunho pode ser entendida como uma forma de recriação de mundos baseados em experiências memorialísticas de sujeitos que testemunharam, de alguma forma, um evento histórico. Narrativas testemunhais são reconstruções de mundos implantados pelo autor. (Maciel, 2016, p. 75).

Por essa razão, observa-se na obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960), narrativas marcantes na vida de Carolina Maria de Jesus, as quais inspiraram a elaboração e o desenvolvimento da citada obra, mesclando entre a ficção e o real pelo seu testemunho experimentado, ou melhor, a produtora da trama é uma narradora-personagem da sua obra.

Sob esse viés, Antonio Candido afirma:

Verifiquemos, inicialmente, que há afinidades e diferenças essenciais entre o ser vivo e os entes de ficção, e que as diferenças são tão importantes quanto as afinidades para criar o sentimento de verdade, que é a verossimilhança.” (Candido, 1968, p. 52).

À luz desse ponto de vista, reflete-se que Carolina Maria de Jesus criou uma íntima relação de afinidade com o real e a ficção no seu excerto. Para mais, identifica a luta diária dos favelados para sobreviver, comer e pagar a energia e o envolvimento com bebidas alcoólicas é nítido na obra. Mas não notei, em nenhum momento na obra, a existência de alguma droga, além do álcool. Pondera-se isso neste fragmento: “Tem a Maria José, mais conhecida por Zefa, que reside no barracão da Rua B numero 9. É uma alcoolatra.” (De Jesus, 2020, p. 23).

Destaca-se o verbo sobreviver, pois identifica-se que os favelados constantemente tentam se manter vivos. Posto isso, de acordo com Maria Eduarda Caliari: “O sobrevivente é a pessoa que consegue se manter viva em situações limites”.(Caliari 2020, p. 1). Além do mais, há presença de imigrantes no desenrolar da trama da obra, pois nota-se alguns personagens que são espanhóis ou portugueses.

Sob esse enfoque, destaca-se que a violência é sempre recorrente na obra: brigas entre homens com faca ou arma de fogo/revólver, brigas entre mulheres e a violência contra a mulher, pois em diversos momentos vemos mulheres sendo espancadas por seus companheiros, bem como, percebe-se que há na favela, Canindé pessoas doentes, sejam elas crianças ou adultos, algumas até morrem por causa da doença ou até mesmo de fome, como fora mencionado anteriormente. Comprova-se isso num trecho da obra a seguir: “ E morreu tuberculosa com 21 anos.” (De Jesus, 2020, p. 155.)

Ainda em relação a fome, a narradora-personagem principal constantemente relata a situação de extrema fome e pobreza, enfrentada por ela e pelos moradores da favela Canindé, por isso a fome para ela representa alguém que escraviza. Pode-se averiguar a seguir: “E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual — a fome!”. (De Jesus, 2020, p. 36).

Seguindo essa ideia, frisa-se que o romance composto por Carolina Maria expressa-se constantemente as relações sociais e interpessoais das figuras exibidas na sua produção literária, tendo como protagonista central a narradora-personagem, Carolina Maria, ou seja, o enredo e as personagens estão intimamente ligados e conectados. Sendo assim, nessa linha de raciocínio, Antonio Candido frisa que:

O enrêdo existe através das personagens; as personagens vivem no enrêdo. Enrêdo e personagem exprimem, ligados, os intutos do romance, a visão da vida que decorre dêle, os significados e valores que o animam".(Candido, 1968, p. 51).

Dessa forma, detecta-se que o cenário das personagens era cercado pela miséria e pela extrema pobreza, pois diariamente elas precisavam sair pela manhã para ir buscar água e conseguir arrumar comida, principalmente a narradora-personagem principal, Carolina Maria de Jesus. Outrossim, a comunidade em questão enfrentou vários desafios para ter acesso à energia elétrica nas suas residências, entre outras necessidades básicas para a sobrevivência.

É oportuno destacar que, ao narrar e escrever a sua história no formato de diário, Carolina Maria de Jesus nunca citou os nomes dos pais dos seus filhos, mas ela sempre destacou, várias vezes, os nomes dos personagens que compõem a sua obra, como por exemplo: os seus vizinhos. Carolina Maria tinha integridade moral, conforme se vê num trecho da sua obra: "O pai da Vera é rico, podia ajudar-me um pouco. Ele pede para não divulgar-lhe o nome no Diario, não divulgo." (De Jesus, 2020, p. 163). A despeito disso, confirma-se a moralidade e a ética de Carolina Maria de Jesus.

Carolina Maria sempre foi uma mãe superprotetora, sozinha ela conseguiu criar os seus três filhos e sempre almejou o melhor para eles. Em uma das seções ela afasta a sua filha de um homem, pois este disse coisas pornográficas perto da sua filha, Vera, segundo Carolina Maria de Jesus: "[...] O Adalberto veio procurar roupas. Não lhe atendi porque ele está ficando muito confiado. Ontem falou pornografia perto da Vera. E está aborrecendo-me." (De Jesus, 2020, p. 94). Por esse viés, observa-se alguns traços de denúncia social destacados no livro em foco.

Posto isso, quando Carolina Maria de Jesus escrevia sobre os seus filhos, detecta-se que ela sempre buscou estar ciente dos acontecimentos/fatos que norteiam a vida deles, buscando constantemente defendê-los ou até repreendê-los. Em dado momento o seu filho mais velho, o João José, foi acusado por uma vizinha de estar tentando fazer "safadeza" com a filha dela. Carolina, prontamente repreende o seu filho, pois acredita ser muito cedo para uma criança de dez anos estar pensando em fazer tais atos. Em conformidade com isso, Carolina Maria de Jesus assegura que:

Uma senhora estava esperando-me. Disse-me que João havia machucado a sua filha. Ela disse-me que o meu filho tentou violentar a sua filha de 2 anos e que ela ia dar parte no Juiz. Se ele fez isto quem há de interná-lo sou eu. Chorei. (De Jesus, 2020, p. 82).

À luz desse ponto de vista, constata-se certas problemáticas de cunho social. Assim, por diversas vezes, a narradora-personagem principal recebe convites de variados homens

para transar ou até mesmo para casar, mas por diversas vezes ela recusa esses convites, como podemos constatar a seguir:

Fui no senhor Eduardo comprar querosene, oleo, e tinta para escrever. Quando eu pedi o tinteiro, um homem que estava perto perguntou-me se eu sabia ler. Disse-lhe que sim. Ele pegou o lapis e escreveu: A senhora é casada? Se não for quer dormir comigo? Eu li e entreguei-lhe, sem dizer nada. (De Jesus, 2020, p. 110).

Diante disso, percebe-se que a narradora-personagem inúmeras vezes era assediada por homens e estes assédios, geralmente, eram sem pudor, ou seja, a narradora-personagem era sempre objetificada por homens. Identifica-se isso em múltiplos excertos da sua obra, principalmente o que fora mencionado anteriormente. Nessa ótica, realça-se certas atribulações e problemáticas exibidas no decorrer do livro em observação.

4.3 ANÁLISE DA OBRA QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAPELADA (1960) À LUZ DA LITERATURA MARGINAL/PERIFÉRICA

Neste tópico, serão apresentadas as justificativas que englobam a obra em questão “*Quarto de Despejo: diário de uma favelada (1960)*”, dentro dos prismas estilísticos, literários, sociais e textuais da literatura marginal/periférica, ressalta-se, primeiramente, que a própria autora é uma pessoa oriunda da favela/periferia, uma qualidade particular a ser destacada.

Posto isso, há diversos trechos da obra em questão que evidenciam e enfatizam o quanto existem, presentes no livro, características que dialogam e conversam com as vertentes literárias de cunho marginal/periférico, conforme segue num trecho da obra abaixo: “-Maloqueira! - Por eu ser de maloca é que você não deve mecher comigo”. (De Jesus, 2020, p. 79).

Nessa passagem da obra percebe-se um xingamento dirigido à narradora-personagem, Carolina. O termo “maloqueira” é lido como um insulto, mas não abala a narradora-personagem, visto que tal adjetivo (maloqueira) é interpretado como uma forma de insulto e difamação com uma tentativa de menosprezar e diminuir socialmente outra pessoa, bem como, pode-se pensar que tais comportamentos sociais são bastante peculiares para as pessoas que convivem dentro do contexto social das favelas/periferias, ou melhor, em situação de vulnerabilidade socioeconômica, mas também é notável que tal atribuído num contexto da linguagem literária e linguística da literatura marginal/periférica, pode ser uma expressão comum.

Por essa razão, tal adjetivo pode ser um termo estilístico dessa corrente literária. Dessa forma, essa palavra também pertence ao universo desse tipo de literatura marginal/periférica, pois essa literatura, nas suas diversas produções artísticas, apresenta elementos de tais vivências dentro deste ambiente social, a favela/periferia.

Ainda em relação ao que fora exposto, vemos em outra passagem a palavra favela, palavra essa que designa múltiplas funções e características em relação à narradora-personagem, Carolina Maria. De acordo com Carolina Maria de Jesus: “Quando cheguei na favela encontrei a porta aberta. O luar está maravilhoso.” (De Jesus, 2020, p. 135).

Dentro dessa perspectiva, Daniele Moreira diz: “E o atributo de favelada lhe rendeu mais notoriedade do que seu trabalho literário em si”. (Moreira, 2019, p. 54), ou seja, essa ligação de Carolina Maria de Jesus enquanto produtora cultural, autora e escritora, bem como narradora-personagem com o conjunto do universo da periferia e da favela é muito marcado e símbolo no contexto da literatura brasileira, sendo uma característica atenuante para Carolina Maria de Jesus que dialoga intimamente com os moldes da literatura marginal/periférica.

Acerca disso, em um fragmento da presente obra, a narradora-personagem, Carolina Maria, é questionada sobre o que está escrevendo, ela responde que está escrevendo um diário e após essa afirmativa de Carolina ao personagem Seu João, ele responde: “- Nunca vi uma preta gostar tanto de livros como você”. (De Jesus, 2020, p. 31). Diante disso, percebe-se o quanto há um estereótipo sobre as atividades, bem como as funções sociais que as pessoas pretas e negras podem ocupar, o que, de certa maneira, contribuiu negativamente no âmbito social das pessoas dessa população.

Por conseguinte, em um outro diálogo com um homem em situação de rua, a narradora-personagem, Carolina mostra a visão de vida e de mundo dele, pois segundo ela: “(...) O nosso mundo é a margem”. (De Jesus, 2020, p. 169).

Nesse fragmento da obra, observa-se o quanto os indivíduos desse segmento social se sentiam excluídos dos demais segmentos sociais da nação brasileira, ou melhor, a narradora-personagem nos faz refletir e pensar que os habitantes oriundos da circunscrição da favela/periferia, não pudessem ocupar ou até mesmo participar dos outros grupos sociais, assim, vivendo só à margem da sociedade, privados das experiências e vivências sociais de forma ativa e integral, tanto nos anos 50, quanto na atualidade.

Nessa circunstância, Miranda afirma: “Por conseguinte, o lugar de fala de Carolina Maria de Jesus inserido nesse contexto, se constitui à margem do centro do poder e à margem do literário. (De Miranda, 2014, p. 340). Por isso, e consequentemente, é sabido que os artistas e as personalidades desse segmento artístico e literário também estão extremamente à margem do setor editorial, literário, acadêmico, bem como do setor socioeconômico.

Nesse cenário, Carolina Maria levanta uma discussão crucial sobre a situação, o apoio e o incentivo das editores em relação aos produtores culturais provenientes da circunscrição da favela/periferia, segundo Carolina Maria:

- Pois é, Toninho, os editores do Brasil não imprime o que escrevo porque sou pobre e não tenho dinheiro para pagar. Por isso eu vou enviar o meu livro para os Estados Unidos. Ele deu-me varios endereços de editoras que eu devia procurar. (De Jesus, 2020, p. 123).

Dessa forma, constata-se uma semelhança singular entre os produtores culturais marginais e periféricos com Carolina Maria, pois ambos enfrentaram obstáculos na esfera literária brasileira. Outrossim, a linguagem da coloquialidade e da informalidade é um componente similar dos artistas mencionados com a linguagem empregada na obra em questão. Além disso, palavrões e palavras pejorativas, coloquiais e informais também dialogam com a escrita literária de Carolina Maria.

À vista disso, observa-se em um trecho da obra a seguir: “A Dona Sebastiana chingava. Estava embriagada. Dizia que ela degolava o baiano. Eu dizia para ela não chegar, que ela ia morrer. Ela começou a chingar-me: - Negra ordinaria!” (De Jesus, 2020, p. 148). Diante do texto acima, nota-se elementos literários, linguísticos e estilísticos da obra que conversam com a literatura de cunho marginal/periférico, pois averigua-se no contexto narrativo a presença de briga, embriaguez e álcool, a linguagem coloquial/informal, os quais são temáticas caracterizadas desse ramo literário.

Dentro dessa lógica, detecta-se, de certo modo, uma atitude racista, pois há um xingamento direcionado à personagem principal, Carolina, ao ser xingada de negra e ordinário, assim, reconhece-se outra similaridade textual e temática da autora Carolina de Jesus e os autores marginais/periféricos.

Por conseguinte, um caractere análogo entre Carolina Maria e os autores marginais/periféricos, é temática da fome, pois, em conformidade com isso Carolina Maria traz a sua obra o seguinte texto: “[...] O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já

passou fome. A fome também é professora.” (De Jesus, 2020, p. 35). Logo, reconhece-se um atributo similar em relação à temática textual e à estilística literária dos autores marginais/periféricos de Carolina de Jesus, a fome, como também uma crítica social em relação aos representantes governamentais brasileiros da sua época.

Nessa circunstância, a autora segue realçando o impacto negativo da fome, testemunha-se isso num texto do livro a seguir: “Magra. Pudera! O medo de morrer de fome!”. (De Jesus, 2020, p. 162). Assim, comprehende-se que a ideia da fome esteja novamente atenuante no excerto em evidência.

Para mais, em outro fragmento do livro identifica-se mais dois termos e expressões que são similares na obra em análise e na leitura marginal/periférica, conforme encontra-se no livro: “-Nojento é a puta que te pariu! (De Jesus, 2020, p. 162). Entretanto, as palavras nojento e puta são usadas de maneira diferente nas produções dos escritores marginais/periféricos, pois esses abordam os termos acima numa forma de denúncia e crítica social.

No entanto, Carolina Maria, exprime as palavras numa situação de conflito e xingamento, numa conotação difamatória. Evidentemente, considera-se que a expressão citada mostra-se um traço literário, linguístico e estilístico da linguagem marginalizada, o qual, de certo modo, relaciona-se com a linguagem literária de Carolina Maria.

Ademais, em outra passagem da presente obra, vê-se novamente a narradora-personagem enfatizando o quanto os indivíduos que são considerados marginais, não têm relevância social, assim, segundo Carolina Maria de Jesus: “Marginal não tem nome”. (De Jesus, 2020, p. 43). Em vista disso, percebe-se uma sutil crítica social, bem como uma indagação acerca do *locus* dos cidadãos marginalizados/periféricos, os quais, de certo modo, são “esquecidos” ou até mesmo ignorados socialmente no Brasil.

Em consonância com isso, em outro trecho da obra consegue-se averiguar a continuidade e a linearidade do pensamento crítico da narradora-personagem sobre o lugar das pessoas marginalizadas/periféricas. Desse modo, conforme Carolina Maria: “Gente da favela é considerado marginal”. (De Jesus, 2020, p. 55), ou seja, verifica-se que no contexto da nação brasileira, habitantes das comunidades em situação de vulnerabilidade socioeconômica (favelas/periferias), eram vistos pejorativamente como marginal, ou melhor, ser da conjuntura da favela/periferia, era algo ruim e negativo.

Nessa circunstância, ressalta-se que isso perdura até os dias atuais, apesar dos artistas marginais e periféricos terem orgulho de pertencer e ser dessa conjuntura social, bem como, serem reconhecidos como artistas e produtores culturais dessa esfera socioeconômica.

Para mais, em um outro excerto da obra em análise, a escritora enfatiza e exalta o atributo de ser preta, assim, seguindo essa lógica, Carolina Maria de Jesus disse: “Se é que existe reincarnações, eu quero voltar sempre preta”. (De Jesus, 2020, p. 64). Posto isso, nota-se, o quanto ela tinha orgulho de possuir essa qualidade, ou melhor, de ser negra, apesar dos entraves e dos problemas sociais enfrentados pelas pessoas negras, os quais vê-se constantemente na sua obra. Desse modo, conforme Daniele Moreira:

Carolina relata a situação de abandono dos pobres, tidos como marginais, sem identidade, amparo e dignidade. Sua escrita é um processo que tem em seu bojo questões como gênero, raça, maternidade e política. (Moreira, 2019, p. 33).

Nesse sentido, aproximar a escrita literária de Carolina Maria de Jesus com a escrita literária dos autores/produtores culturais marginais e periféricos, está além dos temas abordados por ambos em suas variadas produções artísticas. Em consonância com isso Daniele Moreira (2019) afirma que, questionar a função da literatura de Carolina e Ferréz torna-se uma ferramenta de encontrar e compreender que a escrita de ambos converse e ao mesmo tempo os distancie. (Moreira, 2019, p. 51).

Assim, seguindo essa linha de raciocínio, pode-se considerar e evidenciar que ambos os escritores e produtores culturais, Carolina Maria de Jesus e Ferréz, dialogam e ao mesmo tempo convergem ao compararmos os feitos literários e artísticos dos mencionados artistas.

É oportuno destacar que Carolina Maria e os escritores marginais/periféricos utilizaram a linguagem literária nas suas obras com uma marca de denúncia social. Em virtude disso, confere-se uma semelhança dos traços literários, estilísticos e linguísticos de ambos produtores culturais. Assim, evidencia-se uma denúncia num trecho: “Quando eu passava perto do campo do São Paulo, varias pessoas saiam do campo. Todas brancas, só um preto. E o preto começou insultar-me: - Vai catar papel, minha tia? Olha o buraco, minha tia.” (De Jesus, 2020, p. 21).

Diante disso, é nítido uma crítica social em relação ao *locus* das pessoas marginalizadas, periféricas e pretas, ou seja, outro caractere semelhante na estilística de Carolina Maria com os artísticas marginais/periféricos, bem como a participação social das

pessoas pretas em outros segmentos sociais, pois, Carolina Maria de Jesus frisa que diante de um certo grupo de cidadãos, só um era preto.

No que tange aos elementos e aos aspectos da literatura de cunho marginal/periférico, pode-se dizer que Carolina Maria de Jesus pode ser considerada e enquadrada dentro da ótica e dos princípios e das características da literatura marginal/periférica, tornando-se uma precursora de tal movimento artístico e literário. Posto isso, de acordo com Miranda:

De fato, Carolina Maria de Jesus é precursora da Literatura Periférica no sentido de que ela é a primeira autora brasileira de fôlego a constituir a tessitura de sua palavra a partir das experiências no espaço da favela. Isto é, sua narrativa traz o cotidiano periférico não somente como tema, mas como maneira de olhar a si e a cidade. (De Miranda, 2013, p. 19).

Nesse sentido, evidencia-se os pressupostos do movimento literário e artístico da literatura marginal/periférica, através de Carolina Maria de Jesus, ou melhor, a anunciação da escritora dentro dos parâmetros da citada corrente literária e artística. Ainda em consonância com isso, destaca-se o pioneirismo da referida escritora sobre à luz da literatura marginal/periférica, apesar da sua carreira no campo literária ter sido antes do termo ser inserido no contexto da literatura no Brasil, conforme Miranda:

(...) a autoria é que é marginal, embora o livro tenha saído por uma grande editora e se tornado destaque na imprensa, pois o que se entendia como literatura marginal no Brasil desse momento era principalmente a poesia dos anos 60/70, cuja geração foi marcada pela célebre frase de Hélio Oiticica: “seja marginal, seja herói”. A poesia marginal não foi um movimento literário de características fechadas, mas sim uma tentativa de libertação dos modos de produção e de concretização da expressão livre. Os textos eram impressos em livretos artesanais mimeografados, com a característica do detalhe, da coloquialidade e das tiragens reduzidas, em geral distribuídos em bares e levados para as ruas e praças como meios alternativos de divulgação, por isso, tal geração ficou conhecida como “geração do mimeógrafo. (De Miranda, 2013, p. 38).

Dessa forma, em consonância do que fora mencionado, pode-se caracterizar a autora/escritora, Carolina Maria de Jesus, com uma personalidade singular, a autora e escritora marcante de cunho marginal/periférico, embora pertencente a outra época literária e temporal. Além disso, a linguagem da coloquialidade fomenta ainda mais essa afirmativa, bem como ela representava uma voz ativa no contexto marginal/periférico, o qual dialoga com a literatura marginalizada oriunda do cenário da periferia.

Para mais, a própria ambientação do cenário das personagens mostra-se um fator crucial na relação entre a produção literária de Carolina Maria de Jesus com os escritores periféricos/marginais. Posto isso, em outro fragmento do livro nota-se a manifestação da

simbologia e do significado da palavra marginal, de acordo com Carolina Maria: “ Quando retorno vi varias pessoas as margens do rio.” (De Jesus, 2020, p. 23). Evidentemente, percebe-se que as pessoas habitavam às margens de um rio (atual rio Tietê), com também viviam às margens da sociedade, em situações de extrema vulnerabilidade socioeconômica

Nessa ótica, o próprio enredo e contexto das personagens, a favela/periferia dialogam com os componentes da literatura marginal/periférica, como também os emblemáticos problemas sociais desses personagens enfrentados cotidianamente.

Outrossim, os trechos citados da obra mostram a ambivalência da palavra marginal sendo manifestada, materializada e empregada pela autora Carolina Maria de Jesus. Por esse viés, constata-se o reconhecimento da escritora dos mecanismos e recursos linguísticos e literários ao utilizar a palavra marginal de forma diversificada, pois ora o termo (marginal) diálogo com o rio no seu aspecto físico, ora conecta-se com cidadão sendo considerado marginal relacionado ao crime, ora conecta-se com pessoas em situações marginalizadas em episódios análogos à vulnerabilidade socioeconômica.

Portanto, infere-se que tais passagens da obra em questão, corroboram para enfatizar o protagonismo e o pioneirismo, bem como, o quanto Carolina Maria de Jesus pode ser uma precursora da literatura de cunho marginal e periférico, evidenciando, desse modo, o quanto o livro da citada autora possui uma conexão e uma relação com o movimento literário da periferia/favela, a literatura marginal e periférica. Após essa análise pode se dizer que, a escritora *outsider* Carolina Maria de Jesus, por meio da sua escrita e narrativa literária representa os componentes literários característicos da literatura marginal/periférica, bem como a sua vivência e a sua origem, a favela/periferia, corroboram para tal afirmação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escritora *outsider* é ousada com um tom e uma voz transgressora extremamente audível, num formato de denúncia social num registro diário, exibindo as diversas mazelas sociais num país de grande potencial econômico e social. Por isso, lê-se que Carolina Maria de Jesus, através seu o livro “*Quarto de Despejo: diário de uma favelada (1960)*”, mostra-se atemporal, pois é um registro atenuante das várias discrepâncias sociais, históricas, culturais, literárias, bem como socioeconômicas, como também, levanta discussões acerca do lugar das pessoas oriundas no contexto marginal/periférico no âmbito da literatura brasileira, principalmente o *locus* da pessoa negra na população brasileira, como também a sua representatividade no contexto literário no Brasil.

Sob esse viés, pode-se dizer, que sua obra perpassa por múltiplas instâncias da sociedade brasileira, por isso, a literatura, bem como a escrita criativa e corajosa de Carolina Maria de Jesus, mostram-se muito rica em múltiplos traços e elementos literários, textuais, sociais, históricos, linguísticos e estilísticos. Particularmente, a sua forma de escrever, torna-se simbólica, tendo, assim uma grande influência para o campo literário no cenário da literatura brasileira, como também para as vertentes literárias marginal e periférica.

Posto isso, tanto a obra como a carreira e a vida, da mencionada artista literária brasileira, são referências usadas para o estudo e pesquisas, servindo como ferramenta/base de teses e dissertações no ramo acadêmico em várias universidades no país, evidenciando, assim, a contribuição da autora para o campo literário nacional. Desse modo, verifica-se que Carolina Maria de Jesus fez da sua dor arte, lançando-se no cenário artístico e literário brasileiro com diversas dúvidas e incertezas, mas deixando uma vasta contribuição aos artistas e aos movimentos artísticos e literários no Brasil e no mundo.

Portanto, a presente pesquisa demonstra tal colaboração da obra e da escritora Carolina Maria de Jesus, enfatizando a obra e a autora nos prismas literários periféricos e marginais, bem como no cenário literário nacional desses movimentos literários em evidência, apesar da autora e do seu livro serem de uma conjuntura temporal antes das vertentes literárias. Por isso, considera-se o pioneirismo literário de Carolina Maria de Jesus nos movimentos literários supracitados.

REFERÊNCIAS

ALVES, Solange Marques. *Quarto de despejo: uma proposta de leitura em sala de aula*. 2022. 22 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras a Distância) - Instituto Federal da Paraíba (IFPB), Campina Grande, 2022. Disponível: em: <[Quarto de despejo - uma proposta de leitura em sala de aula - Solange Marques.pdf](https://repositorio.ifpb.edu.br/handle/123456789/10000)>. Acesso em: 29 de maio. 2025.

CALIARI, Maria Eduarda. *Sobrevivência e Resiliência em Quarto de Despejo*. 2020. Trabalho para obtenção da nota parcial na disciplina de Língua Portuguesa e Literatura, sob a orientação da professora Simeia G. F. Oliveira. Paraná: Centro Estadual de Educação Profissional (CEEP), 2020. Disponível em:

<https://www.cep.pr.gov.br/sites/cep/arquivos_restritos/files/documento/2020-01/quarto_de_despejo.pdf>. Acesso em: 10 de jun. 2025.

CANDIDO, Antonio. **A PERSONAGEM DO ROMANCE.** 2. ed. São Paulo, Editora Perspectiva, 1964.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais.** Iberic@l, n.2, p. 13-18. Disponível em: <https://presencial.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/405005/mod_resource/content/1/DALCASTAGNE%CC%81%20un%20territo%CC%81rio%20contestado.pdf>. Acesso em 19 de dez. 2025.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo.** Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte / Itaú Social, 2020. Disponível em:

<<https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>>. Acesso em: 03 de dez. 2025.

DURÃO, Fabio Akcelrud. **CAROLINA DE JESUS: QUATRO MOVIMENTOS DA FAVELA LITERATURA.** *Revista MGB*, Campinas, n. 70, v. 36, 2023.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, 1910-1989. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa / Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.** - 3.ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A escrita de si. In: O que é um autor?** Lisboa: Passagens. 1992. p.129-160.

JESUS, Carolina Maria de. 1914-1977. **Quarto de Despejo: diário de uma a favelada/ Carolina Maria de Jesus; ilustração de No Martins.** - -1. ed. — São Paulo: . 10.ed. São Paulo: Editora Ática, 2020.

LEITE, Maria Alzira, GUEDES, Manoela de Quadro e ROSA, Nicolas Pereira. **A literatura marginal e periférica e o cânone literário.** *Revista Navegações*, volume 12, n 2, p. 1-9, jul-dez. 2019. Disponível em: <[Vista do A literatura marginal periférica e o cânone literário](https://www.scielo.br/j/naveg/2019/12/naveg12n2/01.pdf)>. Acesso em: 29 de maio. 2025.

LINS, Osman. Lima Barreto e o espaço romanesco. São Paulo: Ática, 1976. 2.

MACIEL, Carolina Pina Rodrigues. **literatura de testemunho. leituras comparadas de primo levi, anne frank, immaculée ilibagiza e michel laud.** *Revista Opiniões*, n. 9, p. 74-80, Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UERJ), 2016.

MALLMANN, Alda Cristina. Perspectivas de Carolina Maria de Jesus: **Uma análise de Quarto de Despejo em seu Contexto Histórico**. Trabalho de Conclusão de Curso: Letras Português/Inglês; Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR, Pato Branco, 2018. Disponível em:

<http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/14782/1/PB_COLET_2018_2_02.pdf>.

Acesso em: 11 de jun. 2025.

MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. **Os caminhos literários de Carolina Maria de Jesus: experiência marginal e construção estética**. Dissertação (Mestrado em Letras) -Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em:
<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-13112013-100432/publico/2013_FernandaRodriguesDeMiranda_VCorr.pdf>. Acesso em: 29 de maio. 2025.

MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. **A experiência literária marginal em três atos: o “maldito” dos anos 70 contemporâneo e a outsider Carolina Maria de Jesus**. *Revista Estação Literária*. V 12. p. 332-342, jan. 2014. Londrina. Disponível em: <[Vista do A](#) experiência literária marginal em três atos: O maldito dos anos 70, o “periférico” contemporâneo e a outsider Carolina Maria de Jesus>. Acesso em 02 de jul. 2025.

MOREIRA, Daniele Fernanda Feliz. **Os vários gêneros da produção artística de Carolina Maria de Jesus e a Literatura Marginal Contemporânea**. 2019. 92 f. Tese apresentada como requisito parcial de grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). 2019. Disponível em: <[0164 MOREIRA, Daniele Fernando Feliz. Os vários gêneros da produção artística de Carolina Maria de Jesus e a literatura marginal....pdf](#)>.

Acesso em: 13 de maio. 2025.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **Literatura Marginal: os escritores da favelada lhe rendeu mais notoriedade do que seu trabalho literário em si. periferia em entram em cena**. 2006. 238 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-03092007-133929/publico/TESE_ERICA_PECANHA_NASCIMENTO.pdf?utm_source=chatgpt.com>. Acesso em: 30 de maio. 2025.

PEREIRA, Jaqueline de Abreu. **Coreografias - Cidade e moradia nas obras de Carolina Maria de Jesus**. In: III Seminário Discente do Programa de Pós-Graduação em Ciências

Sociais, 3., 2020, Porto Alegre. Anais [online]. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), 2020. p.1-14. Disponível em:
<<https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/anais/1422/assets/edicoes/2020/arquivos/14.pdf>>. Acesso em: 12 de jun. 2025.

PINHEIRO, Maryelle Ferreira. Análise sociológica literária da fome na obra Quarto de Despejo (1960) de Carolina Maria de Jesus. Belém: Ministério da Educação; Universidade Federal Rural da Amazônia; Instituto Ciberespaço - Curso de Licenciatura Plena em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa, 2022. Disponível em:
<<http://bdta.ufra.edu.br/jspui/bitstream/123456789/2324/1/An%C3%A1lise%20sociol%C3%B3gica%20liter%C3%A1ria%20da%20fome%20na%20obra%20Quarto%20de%20despejo%281960%29%20de%20Carolina%20de%20Jesus..pdf>>. Acesso em: 12 de jun. 2025.

SILVA, Rogério de Souza. Literatura marginal e a compreensão das dinâmicas sociais das periferias brasileiras. 2014. *Artigo apresentado nas VIII Jornadas de Sociologia de la UNLP*, (Ensenada), 3-5 de dez. Disponível em:
<https://sedici.unlp.edu.ar/bitstream/handle/10915/51989/Documento_completo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 26 de jun. 2025.